

Genro de Lacan vem

LINA DE ALBUQUERQUE

A comparação é inevitável. Assim como Anna Freud, filha do criador da Psicanálise, Sigmund Freud, o psicanalista francês Jacques-Alain Miller, genro de Lacan, também rege os destinos da Psicanálise por herança familiar. Ao mesmo tempo que essa autorização confere a Miller um poder desmedido — como o de publicar em passo de tartaruga os textos inéditos de Lacan ou processar psicanalistas de renome que fizeram análises críticas desses textos — provoca antipatias e gera polêmicas.

Jacques Miller, 45 anos, dois filhos, dirige o Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris e é membro da Escola da Causa Freudiana, fundada por Lacan depois de dissolver a Escola Freudiana de Paris, em 1980, por constatar que ela havia se transformado num gueto de discípulos bajuladores. Miller só começou a clinicar depois que o sogro morreu, em 1981, e na verdade não recebeu a formação clássica exigida de um psicanalista — o seu analista o abandonou antes de terminar a sua formação, depois de um episódio rumoroso envolvendo a herança escrita de Lacan (veja entrevista abaixo).

O genro de Lacan veio a São Paulo participar de um seminário sobre ética (que começou ontem e prossegue até domingo na USP). Em Paris, está sendo processado por falta de ética pelo psicanalista dissidente do seu grupo, G erald Pommier. Pommier o acusa de fazer uso de confidências contadas no div  por pacientes para se autopromover.

O assunto deixa Miller contrariado — e faminto. Pouco depois de questionado sobre seus problemas  ticos na França, o genro de Lacan encerrou a entrevista ao Estado alegando fome.

Psicanalista criador e destruidor

Tuf o intelectual, guru, ator de si mesmo, pai da psicanálise francesa. Esses foram apenas alguns dos adjetivos colecionados por Jacques Lacan (1901-1981) ao longo dos quase 50 anos de exercício profissional. A trajetória desse monstro sagrado que sacudiu o dogmatismo analítico e foi expulso da Sociedade Internacional de Psicanálise por defender, entre outras coisas, que a sessão deveria ser mais curta e durar são o tempo necessário para intensificar a rela o entre analista e analisado, provocou antagonismo e idolatria. Mas ninguém ficou indiferente às idéias de Lacan.

Com seus seminários abertos, Lacan tiraria a Psicanálise de um círculo fecha-



Lacan: cura pela palavra

do, instigando a debater com ele assuntos da cultura desde finas senhoras burguesas até adolescentes de jeans. Em 1953, o psicanalista apresentou na Itália o seu célebre Discurso de Roma e provocou a platéia freudiana ao afirmar que a palavra, mais do que o inconsciente, era o instrumento de cura. "Os fatos analíticos são fatos da linguagem", polemizava ele, inspirado na ling stica estruturalista de Ferdinand Saussure.

Lacan fez e desfez escolas. A última delas, A Escola da Causa Freudiana, foi criada por ele pouco antes de morrer, quando não resistiu a uma cirurgia para retirar um tumor do abd men. O homem que reinterpretou o imortal Freud se tornaria também imortal.

Discípulos se unem na divergência

Lacan é um nome de muitas caras no Brasil. Escolas lacanianas (freudianas, corrigem os seus adeptos, já que o psiquiatra francês teria retomado a "verdadeira" psicanálise proposta por Freud) pipocam aqui, ali, e com a mesma velocidade que aparecem, somem sem deixar vestígio ou se transformam em novos grupos.

Outros psicanalistas, ligados a escolas de pensamento diferente, acusam os lacanianos de volúveis, extravagantes e herméticos. Mas a briga entre os discípulos de Melanie Klein e Bion representados no Brasil pela Sociedade Brasileira de Psicanálise, ligada à Internacional da Psicanálise, da qual Lacan foi expulso, ficou fora de moda, reconhece o psicanalista Fábio Herrmann, presidente da Sociedade em 1985 e 1986. "Lacan situou a psicanálise num contexto cultural", acredita Luis Carlos Nogueira, laciano, diretor da Sociedade Psicanalítica de São Paulo: "Não é mais possível estudar psicanálise prescindindo das suas interpreta es".

No começo da década de 70, quando as teorias de Lacan descobriram o Brasil, no entanto, a conversa era outra. Nesse período, idéias como a imprevisibilidade do tempo das sessões, a não obrigatoriedade do uso do div , a abertura   ling stica,   antropologia de Levy Strauss, a pontua o da análise não são pelo inconsciente, mas por meio das articula es da linguagem do paciente e a leitura não literal da obra de Freud — alguns fundamento da revolu o lacniana —, ainda chocavam os mais ortodoxos.

"Lacan penetrou no Brasil pela universidade e não pela medicina, como Freud", diferencia o psicanalista Márcio Peter de Souza, que estudou na Escola Freudiana de Buenos Aires — na Argentina, Lacan já circulava desde 1964. "Nos anos 70, era mais comum encontrar o seu pensamento em teses universitárias. Hoje, felizmente, ele está embasado a experiência clínica, principalmente", constata. Quando voltou ao Brasil, em 1977, Souza se ligou ao Centro de Estudos Freudia-

nos, sediado em Recife, antes de participar da funda o da Escola Freudiana de São Paulo.

A eclosão do fen meno Lacan no Brasil, segundo o psicanalista Jorge Forbes, coordenador do campo Freudiano no pais e diretor da Biblioteca Freudiana Brasileira, aconteceu mesmo na década dos 80. Mas, na sua opinião, o reconhecimento dessa linha acompanha um risco: "Precisamos estar atentos para não padronizarmos Lacan da mesma forma como ocorreu com a calça jeans desbotada". O psicanalista Marco Ant nio Coutinho, membro do Colégio Freudiano, fundado no Rio pelos psicanalistas Bete Millan e Magno Machado Dias, acredita que a década de 70 ensinou Lacan no Brasil, enquanto a década dos 80 refletiu e repensou as suas idéias. Por esse motivo, Coutinho não comparecer  ao seminário sobre a  tica da psicanálise na USP. "A sua principal estrela, Jacques Miller, ainda está no estágio de ensinar Lacan e apresentá-lo como definitivo."

o País falar de ética

'Não repito Lacan feito papagaio'

Estado — No mês passado, o historiador alemão naturalizado norte-americano Peter Gay esteve no Brasil para divulgar o seu último livro, *Freud — Uma vida para o nosso tempo*, e se confessou impressionado com a constatação de que a influência de Lacan é maior no Brasil do que nos Estados Unidos, onde ele é mais conhecido entre os professores de literatura francesa do que entre os psicanalistas. Por que os americanos se interessam pouco por Lacan, na sua opinião?

Jacques-Alain Miller — “A surpresa de Gay me diverte. Ainda mais quando sei que a sua biografia de Freud foi lançada nos Estados Unidos pelo mesmo editor que publicará na íntegra todos os seminários de Lacan. Mas não se trata propriamente de desinteresse. Vem-me agora à mente uma frase de Marx do *Manifesto Comunista*: ‘O espectro do comunismo ronda a Europa’. Do mesmo modo, o fantasma de Lacan assombra a psicanálise americana, especialmente os velhos psicanalistas formados pela chamada ‘Escola do Ego’, que não conhecem a importância da linguagem. Mas deixa estar: Lacan será tão popular nos Estados Unidos como no Brasil (risos) e, no futuro, talvez os americanos pensem que ele nasceu em Nova York (mais risos).”

Estado — Qual a principal crítica que faria hoje a Lacan?

Miller — O próprio Lacan se criticava, porque começou tarde. Os seus ensinamentos só se estenderam de fato pelo mundo quando ele tinha mais de 70 anos. Mas eu o critico por ter um ponto de exclamação.

Estado — Muitos psicanalistas consideram as suas opiniões sobre Lacan excessivamente reverentes...

Miller — É preciso distinguir duas coisas. Lacan me acolheu em sua família, foi generoso comigo e se tornou meu amigo. Tenho efetivamente veneração e fidelidade a sua lembrança. Mas, do ponto de vista intelectual, não há lugar para nenhum tipo de veneração. Eu nunca repeti as suas frases feito papagaio, como alguns discípulos. Para mim, ele não foi um mago, mas um teórico racionalista com poder e argumentação insuperável.

Estado — O seu casamento com Judith, a filha mais nova de Lacan, não teria contribuído para também aproximá-lo mais das idéias dele?

Miller — Essa é uma pergunta da ordem íntima. Parece-me coisa que se pergunta a cantores e estrelas de cinema (dá uma bafurada no seu charutinho). Mas vou responder: Ao conhecer Lacan estava longe de namorar a filha dele. A minha ligação com ela não se intensificou nem prejudicou o nosso relacionamento: os elos familiares não seguraram nada.

Estado — Como lida hoje com o



Mônica Zaratini/AE

Miller, tautológico: “A psicanálise é a psicanálise”.

fato notório de seu antigo analista, Charles Melmani ter escrito uma carta para psicanalistas do mundo inteiro alertando que o senhor teria revelado a ele numa sessão, que estava escrevendo por conta própria os últimos seminários de Lacan, porque ele já não estava mais em pleno uso de suas faculdades mentais?

Miller — Lido muito bem (silêncio longo). Qual é a próxima pergunta?

Estado — Por que processou, há quatro anos, o grupo de psicanalistas franceses que fez uma elogiada reedição crítica de um seminário de Lacan da década de 60, dedicado ao tema de transferência?

Miller — O doutor Lacan deu mandado ao seu editor de impedir a publicação de seus cursos depois de sua morte. Esse direito é legalmente reconhecido como meu. A edição da palavra de qualquer pessoa é protegida por lei, em todos os países do mundo. Ao processá-los, não julguei a qualidade do trabalho, mas o

desejo de Lacan, que não estava sendo respeitado.

Estado — O senhor considera a psicanálise uma ciência ou uma arte?

Miller — Não é ciência, embora se apóie nela. Não é arte, mas tem muito o que aprender com os artistas. Não incomoda ter de chegar até a tautologia para defini-la: a psicanálise é a psicanálise.

Estado — Como entende a questão da ética na psicanálise?

Miller — A ética da psicanálise é particular, *suis generis*, e pode chocar o senso comum, porque é de natureza muito diferente das demais profissões. A psicanálise, em certo sentido, é um monstro criado por Freud, julga o senso comum. Para as outras profissões, pode soar estranha a tarefa do psicanalista: pedir ao seu paciente que volte amanhã para “redizer” a sua queixa. Somente o psicanalista sabe que ao “redizê-la”, o seu sofrimento é modificado.